

O DESENVOLVIMENTO DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS POR CRIANÇAS

Ana Paula Frade A.Couto
Graduanda em Pedagogia/Unimontes
anapaulafrade2008@hotmail.com

Bruna Alves Lacerda
Graduanda em Pedagogia/Unimontes
bruna-lacerda@hotmail.com

Claudinéia Gomes Diniz
Graduanda em Pedagogia/Unimontes
neiagsdiniz@gmail.com

Izamildes Soares Ruas
Graduanda em Pedagogia/Unimontes
iza.sj2011@yahoo.com.br

Maria das Dores Vieira Cardoso
Graduanda em Pedagogia/Unimontes
maridadosdoresvieiracardoso2016@gmail.com

Maria das Elizabeth de Aguiar
Graduanda em Pedagogia/Unimontes
ellizabethe@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa situa-se no campo de estudo do Desenho Infantil e teve como objetivo analisar e classificar os desenhos de crianças da faixa etária de 4 a 6 anos de idade, estando ou não matriculadas em escolas da educação infantil. Luquet (1969) observou a evolução cognitiva da criança, considerando o desenho como a construção do conhecimento, onde a criança demonstra suas concepções, seu pensamento e sua visão de mundo. Então, estabeleceu quatro estágios de desenvolvimento do desenho infantil: o Realismo Fortuito, que começa por volta dos dois anos e põe fim ao período chamado rabisco, onde a criança começa por traçar signos sem apresentar intenção de representação e passa a nomear seu desenho; o Realismo Falhado: por volta dos 3 a 4 anos, tendo descoberto a identidade forma-objeto, onde a criança procura reproduzir esta forma, que surge uma fase de aprendizagem pontuada de fracassos e de sucessos parciais. O Realismo Intelectual: estendendo-se dos 4 aos 10 anos, caracteriza-se pelo fato que a criança desenha do objeto não aquilo que vê, mas aquilo que sabe, e, por fim, autor define o Realismo Visual, sendo entre oito e nove anos, a criança consegue guardar mentalmente as proporções do objeto do jeito que ela o vê e tem o domínio do tamanho do objeto em função da distância (LUQUET, 1979, p.190-194).

Luquet (1969) foi um pioneiro em abordar os aspectos do grafismo infantil. Buscava entender o que a criança desenhava e por qual motivo levava a mesma a mudar as suas representações gráficas. Nestas concepções passou a categorizar os desenhos das crianças. O primeiro estágio de Realismo Fortuito, subdividido em duas fases, o 'realismo involuntário' onde a criança desenha linhas

desordenadas sem a intenção de representação, sua representação se concentra apenas no prazer do gesto. O autor emprega o termo 'realismo' pois é a ideia de que a criança irá desenhar a partir da ideia de real que ela tem para si.

Lowenfeld (1977), que foi um importante autor na área de estudo do desenho infantil, ressalta a importância do mesmo no desenvolvimento da criança; para ele o desenho tem a função de proporcionar o desenvolvimento da capacidade criativa e representativa e a auto expressão, sendo que se relaciona ao aspecto emocional da criança.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A investigação orientou-se pela seguinte problematização: Como as crianças de 4 a 6 anos se expressam ao utilizar o desenho e qual o seu nível de evolução?

O trabalho de pesquisa é de natureza qualitativa, sendo que o processo de coleta de dados foi realizado através de uma entrevista aplicada a crianças da faixa etária entre 4, 5 e 6 anos. Ao todo foram 24 crianças do 1º e 2º período da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. Além das entrevistas aplicadas foram anotados comportamentos espontâneos que as crianças apresentavam ao desenhar. Com isso constatamos que algumas crianças, no momento de fazer o desenho, se encontravam inseguras e buscavam modelos para copiar, algumas apresentaram medo de errar e outras ficaram bastante dispersas.

Ao apresentar a folha para as crianças, elas tiveram total liberdade para desenhar, colorir ou apagar, não foi imposto nenhum tipo de desenho específico, ficou a critério de cada uma. A seguir apresentamos os dados coletados e suas devidas análises:

	Número de crianças	Frequência (%)
Realismo Fortuito	-	-
Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética	12	50%
Realismo Intelectual	11	45,83%
Realismo Visual	1	4,17%
Total	24	100%

QUADRO I – Níveis de Representação

*FONTE: Entrevistas aplicados no período de 14 a 24 de Maio de 2016.

Constata-se no ato da pesquisa que, das 24 crianças que participaram da entrevista 12 crianças (50%) estão no Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética, 11 no Realismo Intelectual (45,83%) e apenas 1 no Realismo Visual (4,17%).

Em relação ao desenvolvimento da capacidade gráfica das crianças e a construção do desenho como sistema de representação, constatamos que a maioria das crianças estão no realismo intelectual. Nenhuma criança interpretou o desenho diferente da intenção anunciada anteriormente, a interpretação coincidiu com a intenção em grande parte das crianças (87,5%) e as demais (2,5) não apresentaram intenção, mas ao terminar interpretaram sua produção.

Em nosso estudo, nenhuma criança apresentou características do Realismo Fortuito. Para Luquet (1969), o 'realismo fortuito voluntário' é um estágio onde a criança primeiramente desenha sem intenção, mas, após percebe uma relação do traçado com os objetos. A criança passa a ter uma certa intenção em desenhar os objetos, mas, podendo ser mudado a todo momento, ficando atribuído à criança se a intenção será confirmada ao final do desenho.

Desta entrevista aplicada às crianças, foram disponibilizados papel em branco, lápis de diversas

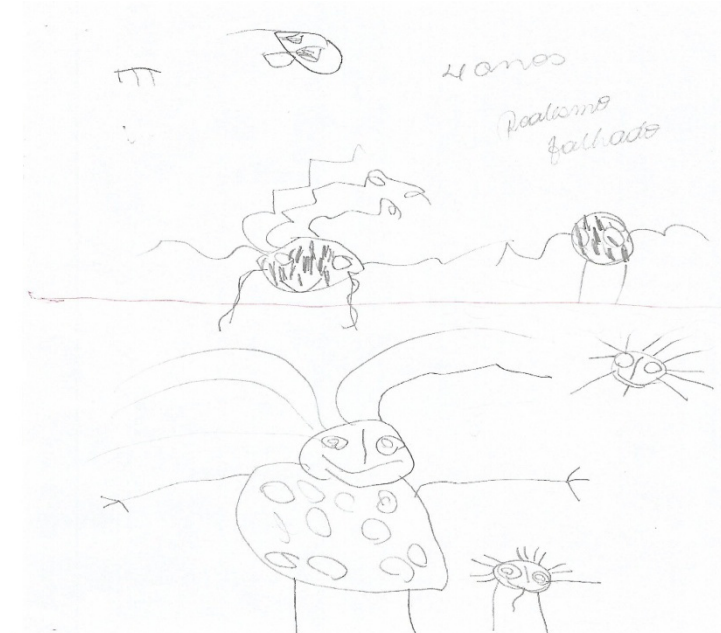
cores e pedido à mesmas que desenhassem o que preferissem, não houve nenhuma intervenção por parte do entrevistador, sendo os desenhos classificados de acordo com os estágios abordado por Luquet.

O primeiro desenho, apresentado a seguir, encontra-se no Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética.



C13. Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética

Nesse desenho constatamos que a criança buscou representar cada figura de forma distinta. Para Luquet (1969), nesse segundo estágio, denominado ‘realismo fracassado’, a criança não coordena seus pensamentos e ações, resultando num desenho que ela considera apenas o seu ponto de vista. No estágio de ‘realismo intelectual’ a criança irá representar de acordo com as suas memórias internas, mesmo que o objeto esteja à sua frente; irá desenhar daquilo que sabe e não do que vê.



C21. Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética.

Neste desenho, produzido por C21, a criança consegue representar os desenhos de forma distinta, porém falta detalhes peculiares.



O Realismo Intelectual é um estágio em que a criança procura representar os objetos não só pelo que ela vê, mas pelo que ela conhece de tal representação gráfica.

C 4. Desenhos caracterizado como Realismo Intelectual

C5. Desenho caracterizado como Realismo Intelectual



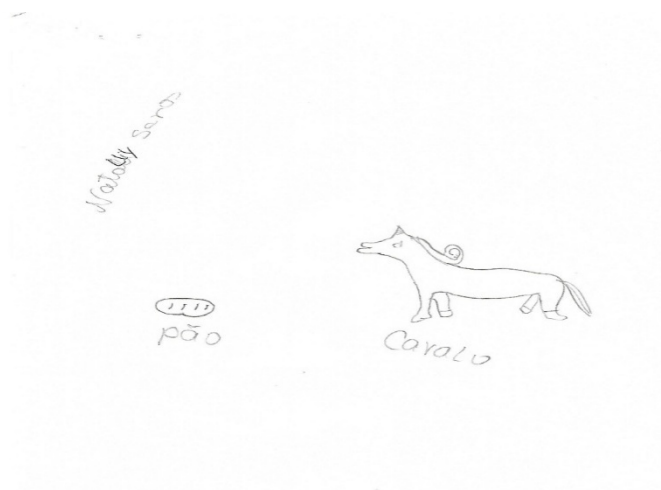
(C 4.C5.C11 Desenhos que são caracterizados como Realismo Intelectual, a criança C4. utiliza transparência no lago, onde aparecem peixes. A planificação é notória em C4.C5 e C11.

De acordo com Mèredieu (1974), nessa fase a criança lança mão de dois recursos para desenhar. Pela falta de perspectiva, utiliza do plano deitado em torno de um ponto referencial para representar os objetos, por exemplo, as árvores de cada lado da estrada. O outro recurso é a transparência ou simultaneidade do objeto e seu conteúdo. Dessa forma, a casa pode ser representada ao mesmo tempo dentro e fora, ou o bebê dentro da barriga da mãe.



C11 Desenho caracterizado como Realismo Intelectual

O Realismo Visual é um estágio que se caracteriza pelas relações projetivas, ou seja, a criança desenha o objeto em 1º e 2º plano de profundidade; e também pelas relações euclidianas, que seria a capacidade de representar se preocupando com posições, distâncias e proporções. O “realismo visual” é o termo que Luquet (1969) utiliza para definir o último estágio de que se emprega os desenhos; nesta fase a criança se submete às definições, podendo até perder o seu conteúdo simbólico, que, apenas o artista poderá manter o conteúdo seu senso estético.



C8. Realismo Visual,

Consideramos esse desenho no realismo visual, porque, ao desenhar o unicórnio, a criança buscou fazer as patas no 1º e 2º plano de profundidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças, além de demonstrar no desenho a sua percepção de objetos, podem também transparecer sentimentos e desejos, sempre com aspectos ricos e minuciosos que podem fazer uma grande diferença, é uma análise complexa e bem detalhada. À medida que o pensamento evolui, os traçados gráficos se transformam e, conseqüentemente, evoluem também, ou seja, os progressos das capacidades representativas da criança farão com que os desenhos sejam representados de forma mais detalhada, de acordo com os avanços ligados ao seu pensamento e com essa evolução de pensamento, elas começam a manifestar o desejo de serem fiéis à realidade, assim como as compreendem.

Nota-se a importância que o desenho como sistema de representação tem na vida das crianças. Segundo (LOWERNFELD, 1970, p.16): “O ato de desenhar envolve a atividade criadora; é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa e outros o que permitirá”.

REFERÊNCIAS

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização, 1979.

LUQUET, Georges Henri (1929). **O desenho infantil**. Barcelos: Minho, 1969.

LUQUET, G. H. **Arte Infantil**. Lisboa: Companhia Editora do Minho, 1969.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MÈREDIEU, Florense de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. Artigo- A importância do desenho na construção da aprendizagem infantil. João Clineu Serra Portugal, Lilian Sipoli Carneiro Cañete, Wany de Sousa e Silva Campos. Disponível <<https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&ret=j&url=http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/04122012Joao%2520Clineu%2520Serra%2520-2520TCC.pdf&ved=0ahUKEwims8GI4sXNAhVGhJAKHRryAe8QFgggMAA&usg=AFQjCNEEVpl0NA-1UeSwAnrpQewGL5tkZw>> Acesso 26 de junho de 2016.

Palavras-chave: Desenho. Níveis. Evolução. Gráfica.